

A ESPERANÇA.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

Redactores diversos.



Anno I.

Desterro, 1 de Junho de 1867.

N. 1.

A ESPERANÇA.

A mocidade, o gigante do porvir, na poetica phrase de Magalhães, não descança nunca, trabalha sempre, porque tem que realisar ou satisfazer uma missão, traçada por Deus nos planos do futuro.

Applicão-se seus membros a differentes misteres, e, quer se volvão suas vistas para as artes, quer para as sciencias, sua devisa é o trabalho e não a occiosidade, seus esforços sempre se convergem ab centro da perfeição e nunca d'elle se tentão affastar, porque é esta a missão cujo cumprimento a Providencia lhes tem assignado em seus sabedores arcanos.

Mancebos que somos, nossa missão é a de illustrar nossas intelligencias por meio de trabalhos litterarios, que nos possão desenvolver o espirito e inicial-o nas funcções que de futuro teremos de exercer.

Ora sendo a vereda litteraria a que temos de trilhar para qualquer parte que nos queiramos dirigir, bom é que tentemos experimentar os passós, e ainda que mal seguros, ver se algum dia poderemos com animo firme pisar os umbraes sagrados do augusto templo de Minerva.

Com este fim encetamos hoje, apesar de sacrificios, a publicação de um jornal: será elle a prova de que não somos occiosos e que trabalhamos.

Conhecemos que não podemos já occupar na carreira das lettras uma posição importante; somos nós mesmos os primeiros que reconhecemos a pequenez de nossas forças para realisar grandes projectos; não obstante trabalharemos, porque é nosso dever aplainar os estrados em que mais tarde teremos de assentar as bases de nossa existencia social.

A *Esperança* é o titulo que damos ao jornal que tem de receber em si o fructo de nossas lucubrações. Assim o intitulamos

porque no coração dos mancebos a palavra mais expressiva, o sentimento que n'elle faz vibrar fibras de desconhecida melodia, é a *esperança*, é o sentimento da *esperança*; e não ha outro sentir que desperte mais doces emoções, que entumesça mais a alma do mancebo que estuda, ou que ama, ou que tem crenças na vida, que esta magica expressão.

Para nossos leitores os escriptos que encherem as columnas deste jornal não terão o merito da novidade, mas não hayerá quem nos deixe de louvar o esforço, quem deixe de reconhecer que muito fasemos.

O materialismo invadio e avassalou o espirito do seculo: a sociedade em sua maior parte está por elle dominada: será o nesse jornal um solemne protesto, um pregão animador dirigido á nossa mocidade, para que — libertando-se das cadeias que já começam a opprimil-a. — nos acompanhe e em phalange ajude-nos a combater a ignorancia que ameaça estender suas azas sobre um povo inteiro, impedindo desta forma que se realizem todas as mais bellas aspirações da juventude.

E quando nos dirigimos aos mancebos catharinenses, quando reclamamos seu auxilio, quando pedimos sua coadjuvação, é que temos fé de lhe podermos ser muito uteis.

Venhão elles! e as nossas columnas serão francas para a inserção de escritos que por nenhum medo toquem nas odiosas questões de politica ou questões pessoaes, que em perfeita antithese ao pensamento que ora nos anima poderão occasionar o desaparecimento deste jornal.

E seja a *esperança* o nosso *labarum*, seja ella o estandarte de todos cujas vistas se destendem muito alem dos mesquinhos calculos da vida.

Desterro 1 de Junho de 1867.



A UNIÃO É A FORÇA.

Em Santa Catharina, como no resto do Brasil, as empresas litterarias dirigidas pela mocidade quasi sempre morrem ao começo de sua existencia ou tendo apenas percorrido pouco tempo o estadio do jornalismo entre espinhos.

A causa que a maior parte das vezes isto origina, é facil de saber-se: — a falta de juniao na mocidade.

Lamenais, julgamos, provando que a união é a força, nos refere a parabolá dos viajantes que encontrando no caminho que tinham de atravessar, um grande rochedo, cada um do per si affastou-se delle chorando e lamentando sua sorte. Sendo crescido seu numero um d'entre elles se lembrou de que o que um só não havia podido fazer todos reunidos farião. Accetta a proposta todos se poserão a trabalho, e tamanha foi a união que o rochedo foi removido e ficou a estrada livre.

As empresas litterarias feitas pelos mancebos no campo do jornalismo ás vezes encontrão grande torpeço no publico.

Um só não o poderá remover, porem muitos o poderão.

Haja união entre nós, e se no publico ou sua indiferença encontrarmos o rochedo que nos embarace em nossa viagem, nossa força sendo bem dirigida se não lhe poder provar que devemos merecer sua protecção, ao menos lhe fará sentir que para comnuso é injusto recebendo-nos sem benevolencia.



AO LUAR,

A

Belizario Lopes d'Haro.

O. D. C.

Que noites tão lindas, tão puras, tão bellas, tão cheias de encantos, que em Lages eu vejo!

Os campos amenos, as lindas collinas, os mansos regatos, os rios, que fremem descendo dos montes, formando cascatas; as densas florestas, os broncos penedos, inspirão poemas ao vate amoroso!

A' luz seductora da pallida lua, as brisas fagueiras, os zephyros brandos, os doces favonios se beijão e brincão...

A' luz seductora da pallida lua desbrocham cravinas, os cravos desbrocham, e as flores mimosas, que lyrios se chamam, seu collo de neve risonhas expandem abrindo tambem a rosa-tão linda seu brilho e belleza de novo realça.

E', pois, nessa hora de magico encanto qu'a-doro e contemplo de Deus a grandeza!

G H.



HARMONIAS

O mar é uma das mais sublimes obras de Deus. Em cada vaga que expira ou que rebenta encerra-se um mysterio: em cada ondulação lê-se um argumento sublime da magestosa epopeia da creação.

Contemple-o alta noite com recolhido pensamento, e no extasis que vos assoberbar á alma, sereis levados a approximar o coração a Deus e a reconhecer nelle uma sabedoria sempiterna, criadora, sem limites.

Aqui rebentão vagas cheias de força, alem outras expirão enfraquecidas. N'um terreno remancear encontrão-se, n'um horrido forcejar repellem-se. Nascem em diversas paragens, animão-se e movem-se por uma força occulta; separão-se; encontrão se de novo, de novo se repellem e abraçadas e juntas morrem, quebrando-se contra os rochedos.

E o mar é uma das mais sublimes obras de Deus, é a que mais fielmente representa a humanidade.

São os homens levados por uma força occulta e irresistivel ao mesmo fim. Como as ondas crescem cheios de força, como as ondas affastão-se, e no caminho da vida repellem-se ao encontrar-se. E todos caminão em igual direcção, recebem de Deus o mesmo impulso, e são levados pela mesma corrente, porque nascem com iguaes attributos; e emquanto se repellem, ou se affastão, ou se juntão, ou travão lucta; o tumulto se apresenta e escolhe um dos contendores para si....

Sublimes obras de Deus!

Umás vezes rapida a corrente, outras um remancear prenhe de enlevos...

E perto da vaga que expira rebenta uma outra que prevê seu fim, fecha-se um tumulto, tem a luz mais um expectador.

E de onde provem tanta igualdade de destino?

E' que a força que anima o homem, que o faz mover-se, que lhe dá o pensar, o sentir, o riso, o choro, a alegria, e o pesar; é a mesma que impelle a onda, que a faz estender-se sobre as praias, quebrar-se contra os rochedos, reflectir o firmamento, criar em seu seio penedias e escolhos: é Deus, somente Deus...

Elisario.



O TRIUMPHO. (*)

1595

Eis a cidade eterna.

Acabou o Vaticano de receber em seu recinto o maior poeta do seculo. Dizem-n'o as sete colinnas da cidade do Senhor nas tubas millenarias que embocam, e as demonstrações de enthusiasmo que o povo agglomerado nas ruas levanta, as acompanhão em effervescencia. — Cantão-se em côro os versos da *Jerusalém libertada*.

—Viva o grande poeta! dizem uns.

—O louco? dizem outros.

—O cantor d'Eleonora d'Est! A infeliz victimia dos duques de Ferrára! E a colera do céo que não os pune! malvados! E o Senhor Omnipotente que não corôa com a felicidade o grande e immortal Tasso!

—A Italia, sempre a Italia! amaldiçoando seus filhos distinctos! Que máo fado!

Pouco a pouco a multidão se affasta.

—Viva o grande poeta! Viva o immortal Tasso! repetem todos os angulos da cidade.

E o rei da christandade e o da poesia passão por entre uma multidão ajoelhada e em cujos semblantes irradia febril o enthusiasmo. Clemente VIII acompanha o grande poeta do Christianismo ao historico palacio dos Aldobrandini.

Mas... de que valem essas aclamações ao coração que sente a morte corróer-lhe as fibras? De que valem essas demonstrações de alegria àquelle que tem a tristeza n'alma, porque sua bella e querida se foi, por entre as nuvens de incenso que os cherubins expandem, asylar-se no céo?

Pobre sonhador! desventurado poeta!

Crente, a frente a referver-lhe de esperanças, o coração a segredar-lhe harmonias à lyra do amor mais puro, porque tem quando o acclamação — POETA IMMORTAL — quando vê um povo inteiro absorto ao contemplar-o, como se elle fóra o creador dos mundos, porque tem lagrymas que verter sobre as faces que não a idade mas o infortunio encheo de rugas precoces? porque pensa na morte? porque a deseja? porque a sente?

Perguntae-o ao cadaver enregelado que foi sua amante!...

Em cada uma das rosas que em corôa ornão sua frente, de moça lerás sentença de morte ao pobre e infeliz poeta, que a amou e que a ama, que a adorou e que a adora, como adorou o primeiro homem aquella que lhe foi dada para companheira inseparavel de su'alma.

Eleonora d'Est, levanta a pedra funebre que te occulta aos olhos de teu poeta, sedentos de ver-te, sedentos de beber n'elles o fogo da vida, e enxuga-lhes os prantos que delles se arrojo sobre suas faces! Mas, assim como teus nobres irmãos, duques de Ferrára, occullarão teu querido em seus carcereiros de ferro, a morte te prendeo em seu seio enregelado e debalde tentarás fugir-lhe.

Torquato Tasso chora; o rei da christandade o anima:

—Deixae estas ideias lugubres, e consenti em ser honrado com a corôa triumphal que tem honrado a todos que antes de vós a tem traido.

—Meus dias são contados! Devo obediencia ao rei do christianismo e cêdo; mas ao menos outorgae-me a graça de me retirar ao convento de Santo Onofre! Sinto-o! Deus não tardará a chamar-me a si, e o anjo da morte já me sustem pela mão. Quereis coroar-me? Coroareis um cadaver! Sinto que morro e me é preciso paz com Deus! Deixae, pois, que me retire ao convento. No dia do triumpho ahi me achareis.

E Tasso chora, porque sua corôa foi a de espinhos que lhe ferio a frente. Ia ao Capitolio, matarão-no os carcereiros de Ferrára. Foi-lhe o talento desgraça, a loucura — immortalidade!

Maldicta gloria essa!... Se a tunica de Nessus é o premio conferido á existencia dos que amão, dos que são poetas, dos que tem no coração o fogo de extremado amor, maldicta gloria essa! disia Tasso....

Eis o dia do triumpho.

A capital do catholicismo prepara-se desde manhã para uma festa esplendida! Accordon, não ao som de atabales guerreiros, mas aos ruidos estrepitosos de um povo admirador do genio, aos pregões entusiasticos de uma gloria immorredoura, — ás aclamações á — Torquato Tasso.

—Honra ao grande poeta! diz a multidão entusiasta. O carro triumphal espera-o! Que venha subir-lhe os degraus e sentar-se sobre seu throno de ouro e ebano! A toga? eil-a! A coroa? eil-a! Que venha elle! O genio é o triumpho! Ao Capitolio! A' immortalidade!

Que bello triumpho, que doce fatalidade! A' nuvensinha que, por um instante, se equilibrara nas orlas do horisonte da Italia abraçou-se aquella alma cheia de fogo, e... Tasso deixou de existir!

—Viva o grande poeta! Eleonora d'Est abraça teo espóso! Deos vos recebe em seo seio de misericordia!

E o cadaver d'aquelle que havia soffreu

(*) Este facto é referido por S. Henry Berthoud.

nos cárceres de Ferrára injuria affrontosa, é, revestido da toga romana, posto sobre o throno d'ouro! e a coroa de louros que tinha sido preparada para cingir a fronte do vivo é collocada sobre uma fronte gelada, immovel, morta!

Ao Capitolo! A' immortalidade!

Elisario.



VENTUROSA DESGRAÇA.

Sob este titulo vamos narrar a vida de um rei, ou antes de um desgraçado soberano, que, depois de muitas fadigas, trabalhos e soffrimentos, passou o resto de seus dias no regaço da paz e da tranquillidade.

Fallamos do rei Seleuco, antigo chefe dos Seleucidas, que comquanto não fosse máo ou injusto, soffreu o que talvez um barbaro não tivesse soffrido, se se achasse em seu lugar. Na verdade muito soffreu, mas com resignação tudo supportou.

Longe de ser como esses homens, que ao primeiro embate do destino perdem o animo, e desesperão inteiramente, pelo contrario nutrio sempre em seo coração o doce balsamo, que nos dá a consolação nas desgraças, essa luz brilhante que apparece para nos allumiar quando nos achamos perdidos em medonhas trevas, essa virtude sublime, a que devem recorrer todos os desgraçados — a esperança que, como diz Chateaubriand, é a assidua companheira da Religião e da Virtude.

Não tendo podido o rei Seleuco, durante o tempo que reinara na Syria, agradar a todos os seus vassallos (cousa aliás bem difficil e quasi impossivel de dar-se) aconteceu que estes, em grande numero, formarão uma conspiração, em que sua pessoa achava-se sobremodo comprometida. A tentativa produzio o desejado effeito.

Reune-se todo o povo, que de accordo com os terriveis conspiradores, constrangem o desventurado rei a sahír de seu reino, a abandonar a cara patria, a familia, e os seus bens. Que corações tão ferós! Que povo tão cruel, que assim ousa maltratar seu soberano, que uma só vez não souber ser injusto!

E' expulso o infeliz Seleuco de seu reino, e nem por isso perdeo de todo a esperança; não, ainda a conserva.

Partio... com a dor no coração, e com a esperança de um dia voltar a essa patria tão amiada, a esse reino que lhe pertencia.

No entretanto não se havia decorrido muito tempo depois deste acontecimento, que

um navio que naufragava tocou a estas praias.

Momentos depois avistão ao longe, n'uma praia deserta, um homem sentado sobre a areia, fulto de tudo, sem vestes e nada que o pudesse abrigar do rigor do tempo. Certamente algum naufrago que tendo tudo perdido, aguardava ali a passagem d'algum ente, que se condoesse de seu estado desgraçado, e lhe proporcionasse o de que necessitava. Encaminhão-se todos para aquelle lugar talvez para soccorrer o infeliz. Quando vão se aproximando eil-os que parão admirados, como se quizessem certificar-se d'alguma cousa: de repente correm ao lugar onde se acha o homem, e n'aquelle misero e infeliz naufrago reconhecem a sua victima — o rei Seleuco.

Contemplão então aquelle homem outrora venturoso, hoje sem recursos, que arqueja de canção, e que, tremendo de frio, descansa na praia o corpo quasi exanime.

Ante este triste expectaculo, ante esta terrivel desgraça transformão-se aquelles rijos corações: de ferós que erão outrora, agora tornão-se humanos.

Arrepellidos do mal que tinham causado á um innocente, adornão de lindas vestes o rei e o condusem no meio dos applausos e acclamações do povo ao seu palacio, onde ficou reinando como d'antes, com a differença que antes era odiado, e depois foi amado por todos, ainda pelos seus mais encarniçados inimigos.

F. Paulino.



MAXIMAS.

Antes ser indigente que ignorante; ao indigente só faltam riquezas, ao ignorante falta o que caracteriza o homem e o distingue do bruto. — *Aristippo.*

Os melhores companheiros nas horas de descanso são os bons livros. — *Proverbio arabe.*

A origem mais fecunda da corrupção, dos erros e da impiedade dos homens, é a ignorancia. — *A. Sibour.*

A preguiça torna tudo difficil, o trabalho tudo facil. — *Franklin.*

Não são os empregos que honrão os homens, mas sim os homens que honrão os empregos. *Agesislau.*



ELEMENTOS
DE
VERSIFICAÇÃO PORTUGUEZA.

POR

Eduardo Nunes Pires.



A MEU PAE

DEDICO

este meu primeiro trabalho litterario.

Sweet is the breath of vernal shower,
The bee's collected treasures sweet,
Sweet Music's melting fall, but sweeter yet
The still small voice of Gratitude.

(Gray's odes.)



Algumas palavras ao leitor.

Eisahi um pequenino tractado de Versificação, que talvez á primeira vista pareça filho de alguma presumpção minha, pois não poucas obras ha já que tractam de tal assumpto.

Não foi a louca vaidade de querer assimilar-me aos que já antes sobre a materia escreveram, que me-levou a tambem escrever o presente opusculo; não foi mais do que uma condescendencia que tive para com o meu bom amigo o snr. José Fabriciano Pereira Serpa, a quem dei, em 1862, algumas lecções d'esta arte. Nesse tempo pediu-me elle que lhe eu escrevesse resumidamente as lecções, e de boa mente o-fiz.

Em 1863 resolvi addicionar alguma coisa a esse primeiro insaio, e mesmo corrigir alguns defeitos que me-saltavam aos olhos, apezar da minha myopia em coisas de Litteratura.

Esse insaio foi muitas vezes lido e relido por mim antes de o eu submeter á circumpecta critica do Sr. Paulicéa, a quem já não poucas lecções litterarias eu devia. Elle, entretanto, talvez receioso de me-desanimar justamente no tempo em que eu começava (si é que esse tempo ainda não está por vir) a procurar o trâmite que conduz ao campo da Litteratura, — elle, digo, leu o meu opusculo com demasiada indulgencia, e a carta, que sobre elle me-escreveu, mais parece uma corôa de hera, do que um juizo critico; estou porém certo de que, si mais animo tivesse em mim conhecido, não só tivéra to-

mado o incargo de Mecenas, como o (maior oneroso e difficil) de Quintilio.

Com tudo isso, ainda depois tenho eu feito no meu opusculo não pequenas alterações, e talvez as — faça ainda, si elle merecer, pela segunda vez, as honras da imprensa.

Finalmente, ou bom, ou máu, o presente opusculo não é de todo inutil, pois aproveitará a alguns mancebos que cultivam a Poesia, sem contudo conhecerem os preceitos relativos ás suas fórmas, ao seu mechanismo.

Com esta supposição me-vou eu desde já consolando do que de mim e do meu trabalho disserem os Zoilos, porque os Aristarchos nem talvez se-occupem com a leitura do que eu escrevo.

Desterro, 20 de Janeiro de 1866.



Cabe-me aqui dar uma explicação ao leitor ácerca da Orthographia, que sigo. Extranha parecerá ella a muitos, por ser a menos seguida ainda pelos melhores Auctores. Não obstante, tenho-a pela mais segura, visto que é toda fundada na Etymologia; e, ainda assim, não me-atreveria eu a pol-a em practica, si não tivesse por guias a Mendes Leal, a Teixeira de Mello, e a outros, e, mais ainda, a opinião de um grande critico (+) e perfeito conhecedor da nossa Lingua. Eis o que elle diz: « Assim aconselharei aos que se lanção a escrever com apurada Orthographia, que nos livros da boa Latinidade se embebão tanto, quanto os nossos bons Classicos se embeberão nella; afim que junto com o bem phraseado stylo, apprendão a ser apurados Orthógraphos, »

Com esta opinião julgo ter auctorisado a minha Orthographia etymologica.

14 de Maio de 1867.



CARTA

que, sobre o presente opusculo, escreveu o Illm. Sr. Franc de Paulicéa Marques de Carvalhos, ao Auctor.



Snr. Eduardo Nunes Pires.

A nimia bondade com que V. me-honrou offercendo á minha humilde consideração o apréciavel opusculo seu, intitulado—*Ele-*

(+) Filinto Elysis, no remate do tomo 2 da sua Trad. das Fab. de Lafontaine; pag. 370.

mentos de Versificação Portuguesa — obrigou-me a corresponder-lhe com a devida meditação e exame d'este trabalho, no que appliquei algumas horas, para mim bem aprazíveis, por ver que a obrinha tem todas as boas e desejáveis qualidades didacticamente — claresa, precisão, propriedade, perfeição de partes, apreçamento conciso e acertado de todos os característicos dos versos usados na Língua Nacional Luso-Brasileira, não se desprezando os cantos populares, que, por ingenuidade de harmonia e melodia, nos revelam algumas espécies e variedades. Julgo pois, no meu incompetente e limitado pensar, que o opúsculo é digno de ser apresentado aos nossos jovens Patriotas, e mesmo da consideração e estima dos Literatos já provecos neste ramo das Bellas-Artes.

Digne-se V. aceitar os meus agradecimentos pela immerecida honra, com que me distinguio, e dispor do diminuto prestimo de quem lhe deseja sinceramente todas as prosperidades, e confessa ser com alta consideração

De V.
amigo & c.
Desterro, 30 de Novembro de 1863.



ELEMENTOS

DE

VERSIFICAÇÃO PORTUGUEZA.

CAPITULO I.

PRELIMINARES.

Versificação é a arte que ensina a compor versos com todas as cadencias, que os tornam agradáveis ao ouvido.

(a) **Verso** é uma reunião de certo numero de syllabas com determinadas cadencias, e harmonia dos accentos predominantes.

Chama-se *pausa cesura* a brevissima suspensão de voz que se faz approximadamente no meio de cada verso : v. g.

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo !
(Bocage, Son. LXXIX.)

A este respeito diz Freire de Carvalho (b) :
« Esta pausa pode fazer-se nos versos endecasyllabos, por exemplo, depois da quarta syllaba, ou da quinta, ou da sexta, ou da septima ;

(a) Veja-se a nota 1.^ª *

(b) Lições de Poetica, Cap. III, § 5.

* As notas vão no fim do capitulo.

« e conforme o logar, onde se faz, a melodia do
« verso toma differente character. já mais animada, já mais doce e corrente, já mais vagarosa, derivando-se desta variedade uma grande fonte de belleza e de força para a composição

« Exemplo de pausa na quarta syllaba :

« Não ouças mais, pois és juiz direito,
(Camões, Lus., C. I, est. 38.)

« Ex. de pausa na quinta syllaba :

« O Pado o sabe, e Lompetusá o sente.
(Id. ib., est. 46.)

« Ex. de pausa na sexta syllaba :

« Cortando o largo mar com larga véla.
(Id. ib., est. 45.)

Ex. de pausa na septima syllaba :

« Por mares nunca d'antes navegados.
(Id. ib., est. 1.) (a)

Os versos, quanto aos seus sons finais, podem ser *soltos*, *rimados*, ou *toantes*.

Versos *soltos* são os que não correspondem com sons identicos nas ultimas syllabas, aos que os precedem ou seguem. Exemplo :

De balde te alvorogas,
O' morte deshumana ; se pertendes,
Com frivola ousadia,
A frias cinzas reduzir-me inteiro ;
Teo braço furibundo
Meo corpo desfará ; mas de teos golpes
Illeza zombará minha alma intacta.
(P.º Souza Caldas, Ode II, antistr. 2.º)

(b) **Versos rimados** são aquelles que se correspondem com identidade de sons finais. Exemplos:

A cidade (c), que alli vêdes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica, forte,
Fecunda em genios, que assim quiz a sorte.
(Fr. F. de S. Carlos, Assumpção, C. VI.)

Está do fado já determinado,
Que tamanhas victorias. tão famosas,
Hajam as Portuguezes alcançado,
Das Indianas gentes bellicosas.
(Camões, Lus., I, 74.)

(d) **Versos toantes** são aquelles que acabam em palavras, que, do accentu ultimo até o fim, tem as mesmas letras vogaes, porém differentes consoantes. Exemplo:

Do Trovador o animo se acúmz;
Dedilha a harpa que outra vez lhe fállz;
A voz lhe acode, o canto se desálz.
E a barquinha tambem outra vez páz.
(Dr. J. M. de Macedo, Nebulosa, C. I.)

(a) Veja-se a nota 3.^ª

(b) Veja-se a nota 2.^ª

(c) A cidade do Rio de Janeiro.

(d) Veja-se a nota 2.^ª

Os versos, em quanto ao accento ultimo, podem ser *agudos, graves, ou esdrúxulos*.

Versos agudos são os que teem accentuada a ultima syllaba. Exemplos:

Fernando em tal fraqueza assim vos pôz.
(Camões, Lus., IV, 17.)

Beberei do bom licôr
Outro copo em seu louvôr.
(Antonio Diniz, Anacr.,)

Versos *graves, brandos, ou ordinarios*, são aquelles a que sobra uma syllaba breve depois da ultima accentuada. Exemplo:

Waterloo! Waterloo! lição sublime
Este nome revela a humanidade.
(Dr. Magalhães, Susp. Poet.)

Versos *esdrúxulos* são aquelles a que sobram duas syllabas breves depois da ultima accentuada. Exemplos:

Que pela terra alarga-se vastissimo.
(Dr. Magalhães, Conf. Tam., C. I.)
Tornaste branda mais que o brando Zéfiro.
(P. Souza Caldas, Ode II, antistr. 1ª.)



Notas.

Nota 1.ª

« **VERSO** » — Oração ligada, e rimada, ou adstricta a certa medida de syllabas, e accentos, em que os Poetas compõem as suas obras, com consoantes, ou sem elles. » — (Moraes, Diccion.)

« **VERSO** » — Pensamento exprimido em um pequeno e restricto numero de palavras, cujo numero de syllabas e a sua collocação é sujeita a certa medida regulada pelo accento metrico e natureza longa ou breve de cada syllaba. » (Constancio, Diccion.)

« **VERSO**, ou metro, é um ajuntamento de palavras, e até, em alguns casos, uma só palavra comprehendendo determinado numero de syllabas, com uma ou mais *pausas* obrigadas, de que resulta uma cadencia aprasivel. »

(Castilho, Metrificação.)

Sobre estas definições baseei eu a minha, que teinho por mais concisa; mas porque ao leitor não fallecessem esclarecimentos em caso de duvida, tractei, de copiar estas, que julgo sufficientes.

Nota 2.ª

Chamam-se versos rimados os que terminam em palavras *consoantes*, ou que teem som identico. — Chamam-se *consoantes* as palavras que, do accento predominante até o fim, teem as mesmas letras vogaes, e as mesmas consoantes. Os accentos predominantes podem ser homogeneos, ou não. Nos exemplos citados são homogeneos os accentos (e são os melhores); são porem heterogeneos (ou de diversa especie) neste exemplo:

De sorte que Alexandro em vós se vêja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

(Camões, Lus. X, 156.)

A respeito dos toantes só observarei que as vogaes, em que cahirem os accentos predominantes, devem ser identicamente accentuadas, isto é, si uma fór affectada de accento agudo deverá tambem sel-o a outra; si de accento circumflexo, de circumflexo deve ser a outra; v. g. amár, areál; amôres, dôjes.

Nota 3.ª

Quanto ao numero de syllabas, que conto em cada verso, devo advertir que sigo a opinião do Sr. Castilho a este respeito. Diz elle. « Advertimos que nós contamos por syllabas de um metro, as que n'elle se proferem até á ultima aguda ou pausa, e nenhum caso fazemos da uma ou das duas breves, que ainda se possam seguir; pois, chegado o accento predominante, já se acha preenchida a obrigação; n'isto nos deviamos da pratica geral, que é designar o metro, contando-lhe mais uma syllaba para além da pausa, d'onde veio chamarem endecassillabo ou de onze syllabas ao heroico, a que nós chamamos decassillabo ou de dez syllabas.

« Elles, fundando-se em que os graves são mais frequentes que os agudos e esdrúxulos, e em que podendo os versos de dez syllabas deitar até doze, quando terminam por duas breves, o meio entre o minimo de dez, e o maximo da doze, é onze; e nós, fundando-nos em que ha absurdo em chamar verso de onze syllabas ao que só tem dez e está certo, como:

E' fraqueza entre ovelhas ser leão,

e em que finalmente em onze ha sempre dez, e em dez não ha onze nem doze. A'quelles a quem esta innovação parecer minuciosa, responderemos que não é minucia ser exacto no fallar, e que o sel-o é obrigação, e muito mais quando nenhum lucro se tira do contrario; isto posto, fique entendido que todas as vezes que fallarmos em versos de oito syllabas, nos referimos aos que os outros designam por de nove; os alcunhados de oito são para nós de sette; os de sette de seis, e assim por diaute. » (Trat. de Metrif. pag. 17—18)

Poesias.

ILLUSÕES

Em vão te chamo nos murmurios vagos
Da doce brisa que fugindo vae;
A voz se perde na procella horrivel
Que sobre os mares á noitinha cahe.

Em vão te chamo! só responde o echo!
Em vão almejo contemplar a ti!
Medonha nuvem de mysterios cheia
Te induz, ai! sempre a te ausentar de mi'.

Aerio sonho, mentirosa sombra
De um sol no occaso que a gemer tombou,
Em vão te busco nas mescladas nuvens
De um céo querido que o luar banhôu.

Nos rudes templos d'um passado extranho,
A' luz de um cyrio pela dôr erguido,
Lampejão inda as illusões ditosas
De um tempo extranho que lá vae sumido.

Assim, ó sombra, na minh'alma vives
Sem côr, nem luz, a divagar perdida!
Em vão te chamo! minha voz se perde
Por este espaço que chamamos — vida

Em vão te chamo ! já me falta alento !
Em vão procuro imitar teu canto !
—E's como a ave que a trinar na rama
Fugindo inspira resentido pranto.

—E's como a ave que na sombra sóta
Os seus preludios de saudade infinda,
E que fugindo quando a luz se mostra
Os seus cantares sonoros fin da.

Julia Maria da Costa.

E's linda !

E's linda, donzella, qual flôr feiticeira,
Que á noite se embala n'um vasto jardim,
É tremula volve seu seio fagueiro
A' brisa que a beija d'amores sem fim !
E's linda, se acaso na valsa fogó-a,
Correndo risonha te vejo, gentil r
São lindos teus olhos quaes raios brilhantes
Que lança a estrellinha no manto de anil !
São lindos teus labios, tão puros, mimosos,
Onde eu bebo a vida nos risos de amor !
E's linda, oh ! donzella ! de candidas faces,
Quaes lyrios formosos de niveo pallor !
E's linda, se a fronte de archarjo formoso
Pendida eu a vejo n'um doce sci-mar,
Co'as tranças cahidas—que tranças tão bellas
Que a vida eu a dera por só as beijar !
E's linda, oh Amalia ! creança mimosa,
Mais linda, mais bella que a rosa em botão ;
E's linda, innocente... e nessa belleza
Reflecto a pureza de teu coração !

C. M. de Sousa.

A Annita.

Amo-te muito, morenita bella,
Casta donzella, primorosa flor.
Ah ! quem me dera te imprimir nas faces
Beijos vivaces de constante amor.
Mas eu não posso. Sou mesquinho vale
Que soffro o embate de cruentas dores ;
Canto na lyra soffrimento e vida
Pobre e descrida no sorrir de amores.
Tudo são rosas para ti, donzella,
Meu peito oh ! bella de pesar tem dores...
Tudo é folguedo, que praser, magia,
Meiga alegria no sorrir de amores.
Tudo são magoas, delirantes magoas,
Férvidas fragoas que supporto ; eh bella !
Vivo no mundo suspirando amores,
Soffrendo dores por te amar, donzella.
Amo-te muito, morenita bella,
Casta donzella, primorosa flor.
Desejo n'alma te gravar meus cantos ;
Dores e prantos—de constante amor !

M. Costa.

Desejos.

Ai quem me déra que fosse
O teu constante sonhar !
Ou a mimosa violeta
Que sendo tua flôr dilecta
Vejo em tuas tranças brilhar !
Ou a nuvem que tu fitas
A' tarde no azul dos céos !
Quando o sol descora e morre
E destende a noite os véos !

Ou da aurora que desejas
O raio mais seductor !
Quando tu abres e beijas
O teu poema de amor !
Ou o trovador querido
De teu formoso viver !
Ou teu mel apetecido,
Ou teu doce bem querer !

Mas ai como de teus sonhos
Não sou eu o inspirador,
Nem sou os cantos risonhos
De teu poema de amor ;

Nem
Sou teu mel apetecido,
Ou tambem o teu querido
Bem,

Meo peito em vez de ventura
Cruel amargura tem !

E porque tu me não amas
Nem amas a ninguem mais ?
E de que tens alma e vida
Porque tu não dás signaes ?

E' que alguém prestou-te jura
De te amar e não te amou ?

E em teu seio da ventura
A flôr mimosa murchou ?

Ou
E' que já a febre intensa
Do que se chama descrença
O teu coração matou ?

Ou
Na luz desses teus olhos
Que tanto me enleva e prende
Não se anima, não se accende
O fogo que me abrazou ?

Ou ...
— Ou sou eu que te maltrato
Por tanto querer-te bem ?
Eu que por te amar me mato
Emquanto sonhas . . . com quem ?
Com teu noivo ? oh ! sonha, sonha !
Que é teu sonho seductor !
Abre as folhas e dá beijos
No teu poema de amor !

Elisario.